

“A *PERSONAL TRAINER* É CADEIRANTE, E DAÍ?”: REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE UMA PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

“*THE PERSONAL TRAINER USES A WHEELCHAIR, SO WHAT?*”:
*REFLECTIONS ON THE PROFESSIONAL PERFORMANCE OF
A PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONAL WITH A PHYSICAL
DISABILITY*

Fabício de Paula Santos

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, Brasil
Faculdade Presidente Antônio Carlos- UNIPAC- Conselheiro Lafaiete, MG, Brasil

Resumo

Na última década temos observado um aumento no número de matrículas no Ensino Superior de pessoas com deficiência. Apesar do aumento no número de alunos com deficiência no Ensino Superior, esse quantitativo ainda representa menos de 1% das matrículas em geral. Muitos são os fatores que podem dificultar às pessoas com deficiência a se graduarem em Educação Física, uma vez que estão mais propensas ao sedentarismo, à falta de acessibilidade e à baixa demanda no ingresso ao Ensino Superior. Neste sentido, o presente estudo objetiva refletir sobre a atuação profissional de uma *personal trainner* com deficiência física. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo com participação da professora foco deste estudo. Para coleta de dados, optou-se pela observação participante. Como resultado foi possível perceber que a atuação da *personal trainner* com deficiência física é bem ativa, embasada pelos conhecimentos técnicos e científicos da área. Conclui-se que a professora utiliza diferentes técnicas de ensino para o aluno e que a acessibilidade nas academias é fundamental para a realização do trabalho da professora.

Palavras-chave: Atividade Motora Adaptada. Deficiência Física. Educação Física.

Abstract

In the last decade we have observed an increase in the number of enrollments in higher education for people with disabilities. Despite the increase in the number of students with disabilities in Higher Education, this number still represents less than 1% of enrollments in general. There are many factors that can make it difficult for people with disabilities to graduate in Physical Education, since they are more prone to sedentary lifestyle, lack of accessibility and low demand for admission to higher education. In this sense, the present study aims to reflect on the professional performance of a personal trainer with a physical disability. This is qualitative research. The teacher, focus of this study, participated in the research. For data collection, we opted for participant observation. As a result, it was possible to perceive that the performance of the personal trainer, with physical disability, is very active, based on the

technical and scientific knowledge of the Physical Education area. It is concluded that the teacher uses different teaching techniques for the student, due to his disability. Finally, that accessibility in academies is fundamental for the performance of the teacher's work.

Keywords: Adapted Motor Activity. Physical Disability. Physical Education.

1 Introdução

Na última década temos observado um aumento no número de matrículas no Ensino Superior de pessoas com deficiência. No ano de 2011 são contados 22.367 alunos com deficiência matriculados nos cursos de graduação em todo Brasil, que representava 0,33% do total de alunos matriculados. Já em 2021, esse contingente chegou ao número de 63.404, que representa 0,71% do total dessas matrículas (BRASIL, 2021).

Apesar do aumento no número de alunos com deficiência no Ensino Superior em uma década, esse quantitativo ainda representa menos de 1% das matrículas em geral, conforme o último Censo do Ensino Superior, realizado em 2021. Esse dado indica, de forma categórica, a necessidade de políticas públicas para ampliar o acesso e a permanência dessas pessoas no Ensino Superior. De acordo com Magalhães (2006), a Educação Superior ainda é elitista e voltada para poucos. As minorias ou grupos não hegemônicos têm acesso restrito e falta de condições adequadas para a permanência. De acordo com os dados do relatório mundial sobre a deficiência (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2012), um bilhão de pessoas no mundo convivem com algum tipo de deficiência e/ou incapacidade, ou seja, 15% da população mundial. Aproximadamente 200 milhões de pessoas convivem com dificuldades consideráveis de funcionalidade, as quais, em comparação com qualquer outro grupo minoritário, apresentam as piores perspectivas em saúde, menor participação econômica, baixos índices de escolaridade e elevadas taxas de pobreza.

Levando em consideração as pessoas com deficiência física, foco deste estudo, existem evidências de que tendem a ter estilos de vida menos ativos em relação às pessoas sem deficiência (RIMMER, 2004). Como argumentam Cervantes e Porreta (2010), quando as pessoas com deficiência são comparadas com pessoas sem deficiência, demonstram, com maior frequência, comportamentos sedentários, prevalência de sobrepeso/obesidade e níveis mais precários de aptidão física. Nesta direção, muitos são os fatores que podem dificultar que esse indivíduo realize exercícios físicos e também a se forme em Educação Física, uma vez que estão mais propensos ao sedentarismo, à falta de acessibilidade e à baixa demanda no ingresso ao Ensino Superior, além do estigma e preconceito que carregam e enfrentam. Ainda, de acordo com Haddad, Pereira e Ferraretto (1997), as pessoas com deficiência física, paraplélicas, em geral, apresentam maior número de fatores de risco para doenças coronarianas. Haja vista que

seus hábitos de vida se modificam pela limitação e que usualmente aumentam o peso e tornam-se sedentários e o desenvolvimento de doenças do aparelho cardiovascular é favorecido.

Na contemporaneidade, percebe-se que o corpo, no sentido estético, se configura como um fator importante para os professores atuantes como *personal trainer*, frequentemente sendo um atributo fundamental para contratação deste. Sendo assim, o profissional de Educação Física é convidado a construir o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou fragilidade e manter sua “saúde potencial” (LE BRETON, 2013).

Numa sociedade em que a felicidade muitas vezes está vinculada à aparência, ao *status* e ao sentir bem o tempo todo, o corpo torna-se objeto de constante investimento e preocupação. Este ponto foi um dos motivos que deu origem a esta pesquisa, que investigou a atuação de uma professora de Educação Física com deficiência física, considerando a ideia contra-hegemônica, na perspectiva da atuação como *personal trainer*.

Assim, este trabalho trata-se de um estudo de caso de uma profissional de Educação Física com deficiência física adquirida, lesão medular, em decorrência de um acidente automobilístico, ocorrido antes do seu início na graduação em Educação Física. Tem por objetivo investigar a atuação desta professora como *personal trainer* em uma academia de musculação. Busca-se também descrever como a acessibilidade do local de trabalho da professora se apresenta como fator fundamental para sua atuação profissional.

2 Método

A pesquisa caracteriza-se como estudo de caso e utiliza-se de análise qualitativa, descritiva e exploratória¹. Segundo Minayo (1999), existem múltiplas possibilidades de abordagens metodológicas na pesquisa qualitativa. Desse modo, a metodologia inclui um conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade, concepções teóricas de abordagens diversas, como também a capacidade criativa do pesquisador. Como destacam Passos e Barbosa (1999), o estudo de caso permite uma investigação aprofundada do campo de análise, possibilitando a construção de problematizações sobre a realidade abordada em diferentes níveis (PASSOS; BARBOSA, 1999). Ludke e André (1986), além disso, definem o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa indo da simplicidade à complexidade do fenômeno, tendo um interesse próprio, único e particular.

1 A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da FUMEC (CEP/FUMEC), sob parecer de número 3.376.826. Como parte integrante dos procedimentos éticos, a entrevista foi realizada de forma presencial. A participante recebeu uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sendo lido e assinado.

Para a realização deste estudo optou-se pela observação participante, que, segundo Strand e Tidefors (2015), é um método que nos permite aceder a situações e eventos comuns, sendo difícil de captar através de entrevistas ou através de instrumentos de autoavaliação. Segundo Minayo (1999), sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a tomam não apenas como estratégia no conjunto de investigação, mas como um método singular para compreensão de uma realidade. A autora define observação participante “como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com finalidade de realizar uma investigação científica” (MINAYO, 1999, p. 135).

A opção metodológica pela observação de tipo participante responde ao objetivo de proceder, dentro da realidade observada, a uma adequada participação dos investigadores, de forma “não intrusiva”. Nesta pesquisa, optou-se por pela participação sem envolvimento, visto que o observador não tem qualquer envolvimento com as pessoas ou as atividades em estudo. Neste sentido, é possível recolher dados através da observação pura (SPRADLEY, 1980).

2.1 Participante da pesquisa

Antes de apresentar a participante da pesquisa, é necessário detalhar como se deu o processo de busca pela profissional pesquisada. O estudo foi iniciado com a investigação para detectar professores de Educação Física, com deficiência física, que atuam em academias como *personal trainer*. Para tal, percorreu-se o seguinte caminho: 1) Contato, via e-mail, com o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), solicitando informação a respeito do número de professores com deficiência física que são cadastrados no sistema do conselho; 2) contato, via e-mail, solicitando ao Conselho Regional de Educação Física (CREF-6), sede em Belo Horizonte, sobre o cadastro de pessoas com deficiência naquele Conselho Regional; 3) por meio das redes sociais.

A resposta obtida do Conselho Federal é que não existe no cadastro dos profissionais distinção entre os profissionais com e sem deficiência física. Já o CREF-6 informou que não transmite informações de seus filiados a terceiros. Usando-se as mídias sociais, foi possível localizar a amostra dentro dos parâmetros do estudo e, após contato, a profissional se dispôs a participar do estudo.

Assim, participou da pesquisa uma professora de Educação Física com deficiência física que atua como *personal trainer*. Sua deficiência foi adquirida aos 17 anos, em decorrência de um acidente automobilístico, provocando uma lesão medular e, em consequência, a paraplegia. Desde então, a profissional de Educação Física utiliza cadeira de rodas para locomover-se e, após o acontecido, graduou-se em Educação Física.

2.2 Procedimento para coleta de dados

A observação participante foi construída partindo da imersão do pesquisador no cotidiano do objeto de estudo a partir da observação de aulas ministradas pela *personal trainer*. Para vivenciar a realidade do trabalho realizado pela professora, nenhuma alteração na sua rotina foi realizada devido ao estudo.

A imersão ocorreu em uma academia situada em um shopping na região sudeste do Brasil. O pesquisador, durante a observação, manteve-se anônimo. Para a coleta de dados, foi utilizado um diário de campo (caderno de anotações, caneta e celular para registros).

2.3 Análise dos dados

De acordo com Lüdke e André (1986), analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, análise de documentos e demais informações disponíveis. Nesse momento, após encerrada a coleta de dados, o primeiro passo é a construção de um conjunto de categorias descritivas. Sendo assim, levando em consideração os objetivos deste estudo, foram criadas duas categorias de análise: 1) atuação profissional de uma *personal trainer* com deficiência física; 2) acessibilidade arquitetônica em academias de musculação. As análises foram construídas e divididas em categorias de acordo com o conteúdo pesquisado. O mesmo deu-se pelo seguinte percurso: transcrição das observações/anotações realizadas pelo pesquisador e leituras flutuantes para identificar temas de destaque.

De acordo com Walker (1980), quando o período de observação precisa ser abreviado, não sendo uma pesquisa longitudinal, o autor sugere, para que a validade do estudo não fique demasiadamente comprometida, que fique claro como as informações obtidas pelo pesquisador foram coletadas. Por isso, fez-se necessário um maior detalhamento das informações coletadas.

3 Resultados e discussões

Depois da transcrição e da leitura dos dados coletados, os trechos mais significativos da observação foram agrupados em categorias que foram nomeadas a partir dos objetivos deste estudo, descritas a seguir.

3.1 Atuação profissional de uma *personal trainer* com deficiência física

A professora encontra-se com os alunos na recepção da academia, inicialmente conversando a respeito do treino. A rotina das aulas e o ambiente da academia foram observados em detalhes pelo pesquisador. No salão de musculação havia dois professores para atendimento aos alunos da academia, além da professora pesquisada e de outros professores que atuavam como *personal trainer*. Quando a professora pesquisada inicia as aulas, os alunos são orientados a fazer exercícios de alongamento e aquecimento articular para membros superiores e/ou inferiores, com supervisão dela.

A *personal* pesquisada participa ativamente, no sentido de instrução e motivação, de todos os exercícios dos alunos, corrigindo postura, velocidade de execução e movimentos. Todos os exercícios eram observados minuciosamente por ela. Destaca-se que este é o papel do professor de Educação Física, com deficiência ou não, principalmente atuando como *personal trainer*. Porém, em contrapartida, foi possível perceber que alguns professores, que também estavam atendendo outros clientes na academia, como *personal trainer*, ficavam ao telefone ou em conversas paralelas, não acompanhando os alunos de forma individualizada. Em um estudo de Silva, Lima e Coelho Filho (2020), que buscou investigar elementos associados à adesão ao trabalho do *personal trainer*, os pesquisadores concluíram que há cobrança por um profissional que esteja sempre ao lado do cliente, que não faça uso do celular durante as sessões de treinamento que orienta, que seja flexível e pontual.

Para instrução dos alunos, a professora faz uso de três ferramentas distintas, sendo elas: 1) explicação verbal do movimento a ser executado; 2) uso de um boneco dobrável, articulável, que é utilizado para exemplificar aos alunos os erros posturais, em que, no corpo do boneco, demonstra como a postura deve ficar durante o movimento e como o aluno está executando-o; 3) se preciso, ela utiliza um aluno mais experiente que esteja no local, como exemplo.

Como foi evidenciado, a técnica de instrução oral para explicar um determinado movimento foi a mais utilizada pela professora. Após a explicação, ela espera que o aluno entenda o movimento e o execute de maneira correta, sob seu olhar atento. Em conversa com a professora, posteriormente, ela relatou que o *ballet* e a ginástica (práticas realizadas antes do acidente) contribuíram para a percepção dos movimentos executados no corpo do aluno. Também, a profissional afirmou que esse método permite que o aluno tenha uma consciência maior do gesto, em comparação ao profissional que utiliza somente a demonstração/execução do exercício como método de ensino. Assim, ela afirma que a forma de instrução oral permite ao aluno pensar no movimento. Cabe destacar que o método relatado pela *personal*, como um diferencial, é legítimo para qualquer profissional de Educação Física, com ou sem deficiência.

Ressalta-se que o profissional sem deficiência pode utilizar-se, além do artifício citado por ela, a metodologia de executar o movimento e o aluno reproduzi-lo, ou seja, o aluno teria mais um recurso de ensino/aprendizagem. Porém, a prática de exercício físico não se fundamenta ou justifica somente na reprodução sem embasamento teórico. A informação, a vivência e a experiência que serão passados do professor para o aluno não se caracterizam como uma prática repetitiva dos conteúdos, mas reflexiva, crítica e participativa (FAGGION, 2011). Logo, quanto mais recursos didáticos o professor possuir, melhor será o entendimento do aluno. No estudo de Anversa e Oliveira (2011), que objetivou verificar quais as competências profissionais demandadas pelo mercado de trabalho em *personal trainer*, foi verificado que a orientação inclui muito mais que as definições de exercícios. O profissional deve acompanhar de perto o desenvolvimento do cliente, com conhecimento teórico, prático, interpretações de condições físicas, psíquicas, emocionais e sociais. Isso contribui para que um relacionamento mais estreito seja construído entre profissional e cliente dentro de um ambiente ético e respeitoso.

Posto isto, foi possível perceber que a *personal* atende aos interesses e objetivos dos alunos que a contratam. Deve-se considerar que os alunos pagam pelos serviços da professora e, nesta perspectiva, acredita-se que, se os alunos não estivessem satisfeitos com o trabalho prestado pela professora, provavelmente não a contratariam ou não renovariam o contrato. Foi constatado que a professora tem alunos que a acompanham há mais de 10 anos. Em um estudo de Silva, Bossle e Fraga (2016), que teve como objetivo compreender os significados atribuídos pelos alunos ao atendimento do *personal trainer*, ficou constatado que os alunos buscam resultados rápidos, confiança e motivação no profissional. Levando em consideração a busca de resultados pelos alunos quando atendidos por *personal trainer*, no estudo de Barbosa (2008) foi verificado “maiores probabilidades de bons resultados, tendo em vista que um acompanhamento mais direto permite uma melhor evolução do treinamento” (BARBOSA, 2008, p. 32).

A questão da acessibilidade arquitetônica também esteve muito presente na observação participante. É interessante pontuar que esse é um fator determinante para que a professora possa executar seu trabalho de forma plena.

3.2 Acessibilidade arquitetônica da academia de musculação

A imersão ocorreu em uma academia, situada em um shopping, como mencionado anteriormente. Para locomover-se até a academia em que atua, a professora vai dirigindo um veículo adaptado à sua condição. No estacionamento do local há vagas reservadas às pessoas com deficiência. De acordo com a Lei 13.146, de 06 de julho de 2015, Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), no artigo Art. 47, todas as áreas de estacionamento aberto ao público, de uso público ou privado, de uso coletivo e em vias públicas, devem ser reservadas vagas próximas aos acessos de circulação de pedestres, devidamente sinalizadas, para veículos que transportem pessoa com deficiência com

comprometimento de mobilidade, desde que devidamente identificados. Deste modo, é relevante informar que o carro da professora possui o adesivo que identifica o transporte de pessoas com deficiência.

A academia fica situada no segundo andar do referido shopping, sendo necessário o uso de elevadores para o deslocamento da profissional. Na recepção da academia, os alunos entram por uma catraca digital e, ao lado desta catraca, há uma porta de acesso que permite a entrada de pessoas usuárias de cadeiras de rodas.

A academia é bem ampla e a professora desloca-se com facilidade por todos os locais. A disposição dos aparelhos permite essa locomoção, já que os aparelhos ficam em uma distância consideravelmente confortável para cadeirantes. A cadeira de rodas da profissional foi projetada e adaptada às suas condições, apresentando um tamanho menor na largura do que as cadeiras convencionais e não sem o apoio de mão atrás para ser empurrada. Os banheiros da academia também são acessíveis para cadeirantes. Mas um ponto preocupante a ser destacado é que alguns equipamentos estavam “guardados” /dispostos em locais inacessíveis a cadeirantes e/ou pessoas com baixa estatura, ou seja, em locais relativamente altos para essas pessoas.

O estudo de Razuck *et al.* (2021) evidenciou a presença de barreiras arquitetônicas em academias no Rio de Janeiro, sendo analisado o nível de acessibilidade para cadeirantes nas academias da zona sul da cidade. Vinte academias foram pesquisadas e foi possível concluir que todas não apresentavam acessibilidade necessária para cadeirantes.

Corroborando com os achados do estudo citado, a pesquisa de Ferreira *et al.* (2018) demonstrou a acessibilidade para cadeirantes a partir da escala de Vidor “Acessibilidade Nota 10”, em 15 academias de ginástica, na zona oeste do Rio de Janeiro. O estudo demonstrou que as academias não atendem aos quesitos de acessibilidade nota 10 e descumprem a legislação. Neste sentido, as referidas academias que foram incluídas neste estudo não estão despreparadas para atender adequadamente usuários de cadeira de rodas.

Por fim, considera-se necessário e fundamental que as academias de musculação sejam acessíveis às pessoas com deficiência de forma geral, pois quando essas pessoas são privadas/negadas de acessar a esses ambientes, independente de serem professores ou não, sofrem, de forma impiedosa, uma opressão social, que exclui e viola seus direitos.

4 Considerações finais

Através deste estudo foi possível perceber que a atuação da *personal trainer*, com deficiência física, é bem ativa, embasada pelos conhecimentos técnicos e científicos da área de Educação Física. A professora apresenta um olhar atento aos movimentos executados pelos alunos e dando *feedback* ao cliente. Reforça-se que esses aspectos

devem ser inerentes a professores com ou sem deficiência, principalmente atuantes como *personal trainer*.

Ficou evidenciado que a técnica de instrução oral, para explicar um determinado movimento ao aluno, foi a mais utilizada pela professora, apesar de também fazer uso outras técnicas de ensino. A metodologia de ensino da professora que utiliza o boneco chamado dobrável, pode, de certa maneira, ser considerada como uma boa alternativa de ensino.

A pesquisa também permitiu refletir sobre a questão da acessibilidade em ambientes públicos, sobretudo em academias. Apesar deste estudo ter constatado que a academia pesquisada era totalmente acessível para pessoas cadeirantes, trata-se de uma análise singular, de uma academia específica, que não retrata uma realidade geral das academias no país.

Por fim, poucos estudos foram desenvolvidos a respeito do tema, sendo ainda necessário o desenvolvimento de mais pesquisas nessa temática, sobretudo voltando o olhar para o profissional de Educação Física com deficiência física, atuantes como *personal trainer*, para realizar contrapontos a este estudo. Por meio de outros grupos, com outras realidades, será possível traçar paralelos com a presente pesquisa.

Referências

- ANVERSA, A. L. B.; OLIVEIRA, A. A. B. *Personal Trainer: Competências profissionais demandadas pelo mercado de trabalho. Pensar a Prática*. Maringá, v. 14, n. 3. p. 1-17. 2011.
- BARBOSA, M. *Treinamento personalizado: estratégias de sucesso, dicas práticas e experiências do treinamento individualizado*. São Paulo: Phorte, 2008.
- BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. acesso em: 07 maio de 2023.
- BRASIL. *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)*. Censo da Educação Superior: Sinopse Estatística – 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2021/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2021.pdf.
- CERVANTES, C.M.; PORRETA, D.L. Physical activity measurement among individuals with disabilities: a literature review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, Champaign, v.27, p.173-90, 2010.
- FAGGION, C. A prática docente dos professores de educação física no ensino médio das escolas públicas de Caxias do Sul. *DO CORPO: Ciências e Artes*, Caxias do Sul, v. 1, n. 2, jul./dez. 2011.
- FERREIRA, W. S. *et al.* O acesso para cadeirantes em academias de ginástica: um estudo realizado na zona oeste do Rio de Janeiro. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, Marília, v. 19, n. 1, p. 39-48, 2018.
- HADDAD, S. S. P. R. S.; PEREIRA, B. A. C.; FERRARETTO, I. The effect of short term Aerobic physical training using upper limbs in paraplegic persons with mild to moderate hypertension. *Arq. Bras. Cardiol.*, 1997.

- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.
- LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MAGALHÃES, R. C. P. Ensino superior no Brasil e inclusão de alunos com deficiência. In: VALDÉS, M.T.M. (org.). *Inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior no Brasil: caminhos de desafios*. Fortaleza: EDUCERE, 2006.
- MINAYO, M.C de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.
- PASSOS, I. C. F.; BARBOZA, M. A. G. A pesquisa etnográfica no contexto da reforma psiquiátrica brasileira: especificidade, importância e o estado da arte. In: PASSOS, I. C. F. (org.). *Loucura e Sociedade: discursos, práticas e significações sociais*. Belo Horizonte: Argymmentvm, 1999. p.15-26.
- RAZUCK, Y. R. et al. Acessibilidade para cadeirantes em academias de ginástica na zona sul do Rio de Janeiro. *Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada*, Marília, v.22 n.1, p. 71-80, Jan./Jun., 2021.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION/ THE WORLD BANK. Relatório mundial sobre a deficiência. Tradução de Lexicus Serviços Linguísticos. São Paulo :SEDPcD, 2012.
- RIMMER, J. H. et al. Physical activity participation among persons with disabilities: barriers and facilitators. *Am J Prev. Med.*, 2004.
- SILVA, M. L. da; BOSSLE, C. B.; FRAGA, A. B. *Motrivivência*, Florianópolis, p. 26-37, dez. 2016.
- SILVA, J. N. P. da; LIMA, L. C.; COELHO FILHO, C. A. de A. Adesão ao trabalho do personal trainer. *Kinesis*, [S. l.], v. 38, 2020. DOI: 10.5902/2316546434199. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/34199>. Acesso em: 8 maio 2023.
- SPRADLEY, J. P. *Participant observation*. New York: Holt, Rinehart & Winston, INC, 1980.
- STRAND, J. O. E.; TIDEFORS, I. Mental health professionals' views of the parents of patients with psychotic disorders: A participant observation study. *Health & Social Care In The Community*, 2015.
- WALKER, R. The conduct of education case study: ethics, theory and procedures. In: DOCKRELL, W.B.; HAMILTON, D. (org.). *Rethinking educational research*. London: Hodder and Stoughton, 1980.

Notas sobre o autor

Fabício de Paula Santos
Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP
Faculdade Presidente Antônio Carlos- UNIPAC- Conselheiro Lafaiete
Fabricio_fps@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7199-6181>

Recebido em: 30/03/2023

Reformulado em: 12/05/2023

Aceito em: 17/05/2023